

J. V. FREITAS MARCONDES

Da Ordem dos Advogados do Brasil
Do Instituto de Direito Social e
da Associação Brasileira de Escritores

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

(Decreto de Paralisação da Turma de Professores de 1943,
na Escola Normal "Conde de Rodrigues Alves")

SÃO PAULO
1946

J. V. FREITAS MARCONDES

Ex-Lente de Sociologia Educacional, na
Escola Normal "Conselheiro Rodrigues Alves"
de Guanabara

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

*(Discurso de Posante da Turma de Professores de 1943,
na Escola Normal "Conselheiro Rodrigues Alves")*

SÃO PAULO

1946

J. V. FREITAS MARCONDES

Da Ordem dos Advogados do Brasil
Do Instituto de Direito Social e
da Associação Brasileira de Escritores

PUBLICAÇÕES DO AUTOR:

- 1 — O Ensino de Sociologia nas Escolas Normais, in "Sociologia" (Revista Didática e Científica) — São Paulo — 1941 — n.º 2.
- 2 — Quarenta anos de atividade escolar (Estudo histórico-sociológico da Escola Normal "Gonç. Rodrigues Alves"). Em colaboração com Luiz de Almeida — Separata de "Administração Pública" — São Paulo — 1945.
- 3 — A Positivização Agrícola do Domatário — Separata de "Administração Pública", (órgão do D. S. P.) — São Paulo — 1945.
- 4 — Sociologia Educacional — Uma pesquisa escolar — in Revista "Educação" (órgão do Departamento de Educação) — São Paulo — 1946 — Vol. XXXIII.

A SAIR:

- 1 — Regulamentação da Profissão de Mulher — Tese aprovada "com distinção" na cadeira de Legislação Social, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — 1943.
- 2 — A Escola Rural ampliando o seu campo de ação — Tese apresentada ao I Congresso Normalista de Ensino Rural, realizado em Campinas, em 1946 e aprovada para ser publicada nos Anais do Congresso (no prelo).
- 3 — O Ensino de Legislação Social na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Contribuição apresentada na Faculdade de Direito de Recife, em 14 de julho de 1944) — Tese apresentada ao II Congresso Brasileiro de Direito Social, em 1946 e aprovada para figurar nos Anais do Congresso (no prelo).
- 4 — Sistematização do Ensino de Direito Social — Tese apresentada ao II Congresso Brasileiro de Direito Social, realizado em São Paulo, em 1946 e aprovada para figurar nos Anais do Congresso (no prelo).
- 5 — Uma Pesquisa Sociológica — Em colaboração com Luiz de Almeida — Revista "Educação" (órgão do Departamento de Educação de São Paulo) — (no prelo).

EM PREPARO:

- 1 — O Nativismo (Aspectos jurídico-sociológicos) — Tese do Doutorado a ser defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

Snr. Director da Escola Normal "Cons. Rodrigues Alves"
Antigos Mestres e Prezados Colegas
Minhas Senhoras
Meus Senhores
Caríssimas Afilhadas.



HATAMENTE nesta data, há oito anos, recebia o meu diploma de normalista por esta Escola. Por gentileza dos meus colegas, fui escolhido para orador da turma. Iniciei o discurso, afirmando que meu lema, desde os bancos escolares, era e continuaria a ser aquêlle que representa tôda a potencialidade do povo inglês: "obstacles are made to be overcome".

Não tivesse eu adotado por emblema, desde normalista nesta Escola, a divisa viril que traduz a pertinácia, a constância, a vontade férrea de vencer do boetão, não estaria por certo, nesta hora, parainfando a turma de professorandas dêste ano. Não estaria, porque a nossa vida está cheia de adversidades, cheia de obstáculos, cheia de tropeços que nem sempre são adversidades, obstáculos, e tropeços que nos fazem frente, mas que, às vêzes, também nos pregam surpresas bastante desagradáveis... Por isso, desde já, minhas caríssimas afilhadas, permitam-me que lhes dê

um conselho; jamais desistam ante o primeiro obstáculo, jamais desistam ante muitos e muitos outros que se lhes deparem na carreira que neste momento Vs. oficialmente iniciam. Não desistam e não desanimem, porque a desistência e o desânimo só servirão de motivo de gáudio — é lamentável, mas é verdade — aos que no íntimo se rejubilam com o nosso fracasso, rindo-se, à maneira das risadinhas japonesas... E não há o que mais dilacere o coração humano — principalmente no infortúnio dos dias amargos — do que a hipocrisia, a falsidade, pois é nessas ocasiões que o homem se revela ainda mais lóbo do homem... Nessas horas, minhas diletíssimas afilhadas, devemos olhar para a frente e confiar em Deus que é sumamente bom e digno de ser amado.

• • •

Numa festa como a nossa, em que moças estuantes de mocidade se aprestam para largar as velas pandas de esperança, no mar proceloso do magistério e do próprio destino, falar do professor não é demais. Não é demais e é até necessário. Será portanto, esta, a minha última aula.

No mundo moderno — no mundo destes últimos cem anos, que, no dizer de Kilpatrick, mudou mais que em todos os séculos reunidos da História — o trabalho humano se fragmentou em milhares de novas profissões. E nesta marcha da evolução social, mi-

lhares de outras ainda surgirão. Mas, de permeio com as profissões novas, umas há, que são velhas como a História. Essas não cuidam de minúsculos setores da vida humana; não são profissões secundárias; não são subprofissões que só muito indiretamente cuidam da existência; essas, minhas caríssimas afilhadas, são profissões nobres, dignificantes, porque cogitam da própria Vida, no que ela tem de belo e grandioso. Essas, porque trabalham com a alma nas mãos são responsáveis pelos destinos da própria humanidade. Essas — e entre elas está a nossa — exigem um verdadeiro espírito missionário, espírito de renúncia, de dedicação, de amor ao próximo, de independência e liberdade.

A nossa profissão é soberba, majestosa, mas também é das mais difíceis. Soberba e majestosa por ter como campo da ação a inteligência humana, elemento infinito; incomensuravelmente difícil, porque vem diretamente das mãos de Deus às nossas. Vs., minhas caríssimas afilhadas, diàriamente, irão lapidar diamantes brutos. Vs. é que irão tirar das dobras negras da noite a luz refulgente da sabedoria. Vs. irão formar os homens de amanhã. Irão trabalhar com o futuro. Irão batalhar por um mundo melhor. Por um mundo divorciado da força aviltante, da prepotência oprobriosa, das desigualdades sociais, dos fanatismos e, divorciado, principalmente, de todo o conjunto de sementes de cizânia que geram o desassossôgo co-

letivo e a desconfiança individual nas instituições! Vs. — minhas caríssimas afillhadas — irão construir um mundo novo, em que o dealbar das madrugadas virá matizado por ideais sublimes, rico de liberdade, pujante dessa mesma liberdade que vem sendo conquistada nos duros e sanguinolentos campos de batalha de tôdas as frentes. Dessa liberdade, alcançada à custa do sangue rúbido e quente de milhões de jovens, que de uma hora para outra deixam a sombra benfazeja e constante do carinho de mãe, põem de lado o sadio afeto paterno, postergam a amizade leal dos manos, fecham os olhos ao enlêvo da noiva e se esquecem até dos sonhos esperançosos do futuro!

Liberdade! Liberdade! Palavra que o Direito sempre quis proteger, vedando pûdicamente os olhos da Deusa, para que o seu olhar não pesasse na balança da Justiça. Liberdade, palavra doce e fugaz, palavra que se desenha no horizonte dos nossos dias, tal qual a miragem dos desertos...

Mas não importa! Tenhamos fé em que esta miragem dos desertos será amanhã uma anelada realidade. Oxalá, que Vs., minhas caríssimas afillhadas, possam incutir no espírito dos que virão, o verdadeiro ideal de liberdade; não êsse ideal mascarado de hoje; não êsse embusteiro ideal que fere e mata de tocaia... Sim, porque a chama da liberdade não se apaga com tiros de canhão, nem tão pouco com regimes políticos transitórios.

Todavia, para que Vs. consigam êsses custosos "desiderata", é necessário nunca perder de vista êstes três requisitos fundamentais: o primeiro de ordem científica, o segundo de ordem moral e o terceiro de ordem social, entrosados uns aos outros, numa interdependência de tal forma, que a aplicação de um sem os outros não teria significado e nem seria possível, para a perfeita consecução da meta. Ei-los:

O PROBLEMA DE ORDEM CIENTÍFICA

A faculdade cognoscitiva do professor deve ser objeto de vigilante cuidado, não só pelas próprias exigências inerentes à profissão, como também por uma questão de probidade intelectual. Desenvolvê-la, aperfeiçoá-la, quotidianamente, apaixonadamente, eis o caminho para o sucesso. "O conhecimento é a força viva do professor". Conjuguar o verbo estudar, deve ser trabalho de tôdas as manhãs. Por isso, o primeiro estudante da escola, deve ser o professor. Mas não basta somente estudar: é preciso gostar de estudar e, ainda mais, é preciso ter amor pela escola, pela profissão, pelos alunos; é preciso olhar os discípulos como filhos diletos do coração; como átomos vitalizadores do futuro e concomitantemente da Pátria; por isso é que o professor precisa ter por lema: estudar hoje, estudar amanhã, estudar sempre, estudar até morrer!

Mas estudar não somente para si, estudar também para os outros. Enriquecer o seu saber, para distribuí-lo, às mancheias, prodigamente. Estudar sempre, até para saber como distribuir. E é na distribuição de sua fortuna intelectual, que o professor se revela. Saber comunicar o que sabe, saber transmitir a sua ciência, eis o fulcro de quase toda a questão educacional. Um grande mestre brasileiro afirmou que o verdadeiro professor vive em perene estado de euforia comunicativa. Um sábio que não saiba transmitir o que sabe, também não sabe ser e nem deve ser professor. Portanto, além de conhecer, exige-se do professor a arte de transmitir o que sabe, e mais do que isto, a arte de saber despertar nos educandos o amor ao estudo. E só se desperta, só se estimula esse amor ao estudo, às ciências, quando sentimos esse entusiasmo, pois só sentindo vivamente as nossas palavras e as nossas idéias, podemos comunicá-las, podemos vê-las fulgurar no cérebro plástico das crianças. A aula dada sem prazer, sem convicção, sem entusiasmo, desinteressará o aluno, enfadará a criança, quando é justamente para esta, que o professor precisa de maior dose de convicção e de entusiasmo.

Almeida Júnior — esse mestre incomparável, orgulho do magistério bandeirante — conta-nos que certa vez, inspecionando as escolas do litoral, encontrou uma professora que lecionava havia vinte e cinco anos, e que, assistindo a uma aula dessa mestra, admirou-se do poder suggestionador das suas palavras. A classe estava sendo ainda alfabetizada e, em certa altura,

a professora disse com tamanha arte: "olhe a laranja", que as crianças arregalaram gulosamente os olhos e a água lhes veio à boca...

* * *

A ginástica é o meio pelo qual mantemos a agilidade física, o porte benfeito, uma aparência estética agradável. Sem a ginástica, a obesidade, a atrofia muscular e outras deformações físicas sobrevêm ao corpo. As mesmas deformidades se dão na inteligência, sem a ginástica correspondente. O maior perigo a um professor em atividade escolar é o entorpecimento mental. O professor que adormece sobre a restrita bagagem que adquiriu na escola normal, pouco a pouco, sem sentir, está se ancilostomizando; está se fossilizando. Está se suicidando profissionalmente, porque qualquer desculpa de ordem pragmatista não o amparará. Já dissemos que a nossa profissão requer renúncias pecuniárias, requer um viver de missionário e, pra mim, o autêntico missionário é aquêlle que vive franciscanamente... Aquêlle que tiver desmedidas ambições econômicas, deve abandonar o magistério, porque êste proporciona elementos para o legítimo professor viver para o cérebro, mas não os proporciona para viver para o estômago... Um filósofo social brasileiro já acentuou que uma carreira é tanto mais digna, quanto mais dela fazem, os seus membros, uma vocação e não apenas uma profissão, um meio de *dar vida* e não apenas um *meio-de-vida*.

Mas não basta estudar sempre e saber transmitir, não basta somente aprender e ensinar, é preciso ainda, do ponto-de-vista científico, criar alguma coisa. Não devemos nos contentar somente com aquilo que os outros nos ensinaram, para transmitirmos aos nossos alunos. Precisamos fazer algo a mais. Precisamos ser *fonte de alguma coisa nova*, pois só assim nos livraremos da rotina, do ramerrão. O professor que se limita somente às aulas, acaba se cansando por falta de incentivo, de novidade, tornando-se em pouco tempo um nervoso, um vencido. O professor precisa também fazer pesquisas e, para isso, terá que ler, escrever, acompanhar o progresso incessante das ciências, enfim, atualizar-se. Estas preocupações especulativas e, por isso, desinteressadas, irão se refletir nas aulas; vivificá-las e fazer com que os alunos, por sua vez, aprendam muito mais, porque se sentirão fascinados pela sagaz e hábil exposição das diversas disciplinas lecionadas.

Mas não é só à ciência que o professor precisa se dedicar, pois é sabido que um mestre sumamente preparado e com todos os atributos descritos, poderá ser até nocivo à sociedade, se não possuir um estôfo moral consentâneo com a profissão magisterial. Os bons costumes são preferíveis aos bons conhecimentos, já dizia um dos grandes educadores da Grécia antiga. Focalizemos, portanto, o problema sob o aspecto moral.

O PROBLEMA DE ORDEM MORAL

Moral, eis uma parte da Filosofia que tôdas as filosofias estudam e que jamais conseguem dizer sobre ela a última palavra...

Sim, porque a moral muda muito. Muda de povo para povo, de raça para raça, de lugar para lugar, de época para época. Se forçássemos um pouco, diríamos; a moral muda diariamente. Muda como as nuvens, com a direção dos ventos. O que ontem era feio, hoje já não é; o que lá é bom, aqui é mau; o que acolá é horrroso, aqui é belo; o que para mim é sublime, para Vs. talvez não o seja. E depois de passado o vendaval desta guerra, como será a moral? Quem ousará defini-la? Com quem estará a verdade? Estará no relativismo dos fatos ou na ortodoxia dos costumes sancionados? — Não ousou responder, pois uma resposta a esta difícil pergunta poderia levar-me a um dos maiores erros de filosofia. Contudo, prezados ouvintes, arriscarei, guiado pela sabedoria do lugar comum, do vulgar, do terra-terra, tentar dizer alguma coisa. Tentarei dizer, mais uma vez, aquilo que Vs. já ouviram dos lábios dos seus pais, desde a infância e que a imprevisibilidade do tempo ainda não conseguiu destruir.

A moral é a parte da Filosofia que estuda os costumes à luz de um ideal. É uma ciência e uma arte. Ciência quando focaliza o conhecimento raciocinado de certos princípios; arte, quando escolhe as regras a se-

guir para bem governar a vida, dentro do bem e do dever. Como ciência, essa parte da Filosofia é mais discutida que como arte. Nesta, o problema central gira em torno de dois princípios: o do bem e o do mal. É isto que nos ocupará. Não vamos dizer o que seja o bem e nem o que seja o mal, pois qualquer um de nós está capacitado para julgá-los à luz da razão e da consciência. O Bem, quando feito, propicia ao homem a satisfação, o bem-estar, o prazer do espírito e, inversamente, o mal, acarreta o sofrimento, o tédio, o aborrecimento, o remorso, quando a envergadura moral do indivíduo é de primeira... Daí, ser de importância capital para o professor, o seu aperfeiçoamento moral. Fazer o bem, ensinar bem o bem, dar exemplos bons, ser virtuoso nos seus atos, ser um padrão digno de imitação, um protótipo de honestidade e comportamento, enfim, ninguém mais que o professor precisa ser dotado da estatura moral dos heróis de Carlyle ou das figuras clássicas plutarquianas.

O comportamento do professor na família, na escola, na sociedade deve ser exemplar, pois é coisa sabida que os alunos vêem nos professores arquétipos a seguir. Verdadeiros sábios e heróis. É com orgulho que citamos os apanágios morais dos nossos mestres, suas virtudes, a ombridade da suas ações, a vida correta que tanto nos impressionou quando fazíamos nossos planos ainda nos bancos escolares. A fotografia de suas boas ações ficaram filmadas em nossa mente. É um problema sabido esse da psicologia da crian-

ça e do adolescente no tocante ao êxtase quase inefável com que olham as virtudes dos mestres, a admiração e o desejo de os imitar. De imitar aquéles "cuja vida moral é uma perpétua irradiação de força e de bondade", aquéles que sabem despertar no educando, no momento exato do desabrochar da alma, entusiasmo pelo bem, pelo justo, pelo belo e pelo amor. Dai o cuidado que precisamos ter para com tôdas as nossas atitudes e atos. Sim; porque o professor, em virtude de sua própria função, está educando sempre, para o bem ou para o mal. Para o bem, quando sabe ser digno da profissão e para o mal, nos menores gestos desatenciosos.

Vs., caríssimas afilhadas, irão amanhã para o magistério. Na escola, Vs. serão as mães dos alunos, por isso, não façam aquillo que jamais uma mãe faria aos filhos; na sociedade, sejam exemplos dignos de virtude e de bom comportamento; sigam sempre os conselhos recebidos em casa, desde a infância; saibam honrar os noções de seus pais e os seus sagrados ensinamentos; saibam proporcionar-lhes o prazer das ações dignificantes e enobrecedoras; saibam elevar cada vez mais o bom-nome da nossa gloriosa Escola; saibam, enfim, manter com altivez e decência a linha plutarquiana dos educadores de escol, pois só assim, futuramente, Vs. também serão lembradas como símbolos sacrossantos pelas gerações que passarem pelas suas mãos.

O futuro da Pátria está no trabalho do professor; está no seu preparo intelectual; na parte científica de sua formação, mas repousa também na ética das suas ações. Daí a razão deste tópico nesta aula de despedida.

Mas não é só a parte científica e a moral que o professor precisa observar e esmerar. Há ainda a parte social. Poderia incluí-la entre as partes já citadas, mas reputo-a tão importante ao feliz êxito da carreira magisterial, que dela falaremos separadamente.

O PROBLEMA DE ORDEM SOCIAL

O professor não pode e não deve exercer a sua missão somente na escola. O âmbito escolar não está circunscrito aos metros quadrados da sala de aula. É muito maior. Deve abranger toda a comunidade. Influir na sociedade. Humanizá-la à luz do progresso social. Já disse um educador que a finalidade última da educação do homem é o próprio homem. Ao professor compete, na escola primária, tirar o adolescente da criança; na escola secundária, o moço do adolescente e, nas universidades, o adulto do moço. Portanto, ninguém trabalha mais o homem que o professor. E o trabalho é tanto mais ingente quanto mais amorfa estiver a matéria plasticizável. E agora pergunto: — não será o professor primário o plasmador inicial da personalidade humana? — Sim. Indiscutivelmente.

Quando normal, o homem, desde criança, é um ser social. Isto já foi dito e provado há mais de trezentos anos antes de Cristo, pelo maior sábio da humanidade: Aristóteles. E desde essa época repetimos um chavão, afirmando que o homem é um produto da sociedade. Ora, o tema é quase silogístico; as premissas estão aí, portanto, só nos resta tirar a conclusão: o professor deve ser o mais social dos homens. Mas, social, no sentido educacional, em linguagem escolar; social, não individualmente, para si, e sim como o responsável pelo sucesso dos educandos na sociedade. O mestre não pode, em absoluto, isolar a escola da comunidade; não pode, de maneira alguma, furtar-se ao dever de formar novos seres sociais, adaptáveis à civilização. E principalmente a esta civilização que está em vertiginosa mudança e que portanto exige cada vez maior socialização do homem; que exige do indivíduo potencialmente social, um amoldado aos ideais mais nobres.

Mas falar em socialização para a turma que hoje deixa esta Casa é talvez uma temeridade de minha parte, pois não foi esta brilhante turma feminina — uma das menores que já saíram deste Educandário — que empreendeu realizações notáveis no domínio da educação social? Não foi esta turma que sentiu brasileira e ardorosamente a punhalada que nossa Pátria sofreu quando os navios brasileiros foram postos a pique pelos assassinos do "eixo"? Não foi esta turma que se sintonizou com a solidariedade nacional para a

vingança dos nossos compatriotas? No foi esta turma que liderou o movimento para comprar aviões e dá-los à mocidade guaratinguetense, para ela se exercitar, justamente, na hora em que os corações brasileiros, sincronizados entre si, pulsavam de patriotismo? Não foi este gesto cívico, esta atitude nacionalista, um gesto e uma atitude que, partindo da Escola, envolveu toda a sociedade local? Não será este exemplo de socialização, um dos mais notórios em toda a história desta Casa? Mas, como se ainda não bastasse essa iniciativa que caracteriza bem o valor da mulher brasileira, e sobretudo da mulher normalista, vamos ainda citar um outro empreendimento invulgar desta turma de trinta e uma promissoras jovens. Destas jovens que conseguiram realizar o sonho que de há muito acalentava o coração de todos quantos passaram por este educandário. As minhas afilhadas — das quais me orgulharei sempre — conseguiram que a saudade fosse revivescida. Conseguiram positivar a Associação dos Ex-Alunos de nossa Escola. Essa Associação que anualmente congregará neste recinto um número cada vez maior de estudantes que por aqui passaram; que anualmente renderá homenagem aos mestres do passado e aos que vão passando, aquêles que já deixaram ou que estão deixando o magistério, estafados na pugna; embranquecidos pelo sofrimento e pelas emoções fortes! . . .

Estes receberão, por certo, dos que estão saindo — inclusive de Vx. em primeiro lugar, minhas caríssimas

afilhadas — o prêmio simbólico da vitória alcançada. E amanhã, quem sabe se não será um filho que irá homenagear um pai ou uma mãe que também passaram por aqui e que, cansados da luta, virão verter a lágrima da saudade, que Vs. implantaram com a Associação? E quantos ainda não irão ao cemitério deixar na tumba fria o calor do afeto dos colegas ainda vivos? E o quadro será tanto mais pungente, quando a flor da saudade fór levada pelas mãos do filho que se forma aos pais que se formaram e que dêste mundo já se foram. E quem sabe ainda se daqui a trinta anos Vs. mesmas não virão receber homenagem dos filhos queridos ou dos futuros colegas? Não virão aqui rever a Escola e sentir uma lágrima umidecendo as faces hoje róseas e cheias de vida?

* * *

Falar em socialização para Vs., repito, é uma temeridade de minha parte. Diante disso, irei pingar o ponto final desta aula. Mesmo porque já está na hora de dizer o adeus final. O abraço de despedida. O começo da luta. O trabalho diário. A paga por tudo quanto seus pais fizeram por Vs. E essa paga — minhas caríssimas afilhadas — deve ser na proporção de cem para um, pois mesmo assim, ainda será pouca. Mesmo assim Vs. ainda ficarão devendo o sacrifício, o amor, a dedicação, o entusiasmo, a esperança, que seus pais tiveram, tem e terão em Vs..

Além de seus pais estão os seus mestres que esperam de Vs. a paga dos esforços que fizeram; da confiança que depositaram nas lições dadas; da cultura que transmitiram a Vs., cultura essa que as impulsionará para a luta e a vitória.

E para além da gratidão do lar, da dívida que Vs. contraíram para com a Escola e os mestres, está a Pátria, esperando ansiosamente de Vs. que "cada um cumpra o seu dever".

Guaratinguetá, 18-12-1943





★ Imprensa na ★
EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
★ São Paulo ★